

**O CANDIDATO: A REPRESENTAÇÃO
DE IDENTIDADES BISSAU-GUINEENSES
NO CONTEXTO PÓS-COLONIAL POR FILOMENA EMBALÓ**

Ana Maria Carneiro Almeida Diniz¹

Ana Cátia Alves da Silva²

DOI 10.11606/issn.1981-7169.crioula.2017.126051

RESUMO: Este artigo se propõe a analisar as representações identitárias bissau-guineenses no contexto do pós-colonialismo presentes no conto *O candidato*, produzido por Filomena Embaló. Para fundamentar a análise foram consultados textos de diversas áreas do conhecimento que apresentavam afinidades com a proposta de releitura do conto, com objetivo de situar o espaço-tempo das representações identitárias nas esferas históricas, políticas, sociais e econômicas com as quais correspondem.

ABSTRACT: This article proposes to analyze the Bissau-Guinean identities representations in the context of postcolonialism present in the short story *The candidate*, produced by Filomena Embaló. In order to base the analysis, texts were consulted from several areas of knowledge that had affinities with the proposal of re-reading the story, with the purpose of situating the space-time of the identities representations in the historical, political, social and economic spheres with which they correspond.


1 Mestre em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

2 Mestre em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte

PALAVRAS-CHAVE: Pós-colonial; Identidades; Literatura Bissau-guineense.

KEYWORDS: Postcolonial; Identities; Bissau-Guinean Literature.

INTRODUÇÃO

 presente trabalho tem como proposta analisar o texto *O candidato*, escrito por Filomena Embaló, com o objetivo de reconhecer neste a presença de representações de identidades concernentes ao momento de sua produção, o pós-colonial na Guiné-Bissau. Estar-se diante de um contexto que recebeu uma diversidade de tratamentos por parte da literatura e dos estudiosos das ciências sociais e políticas, no que se refere à análise apresentada, o pós-colonial será abordado como o momento do pós-independência.

No conto serão observadas também as circunstâncias que remontam momentos anteriores a esse contexto: a instalação e manutenção do sistema colonial, bem como as lutas pela independência da Guiné-Bissau. Assim, faz-se necessária a presença de uma contextualização histórica dos dois momentos (o pré e o pós-independência), para que haja melhor compreensão da releitura oferecida.

É interessante também ressaltar que através das pesquisas realizadas acerca do trabalho de Filomena, percebe-se que são bem restritas e recentes as releituras de obras literárias da autora, bem como de toda a produção literária bissau-guineense. Pode-se identificar uma série de fatores responsáveis

pelo entrave à divulgação dessa literatura e, consequentemente, seu estudo nos meios acadêmicos. Essas considerações tomam como referência o alcance e a frequência de releituras e de críticas de obras pertencentes a outros países africanos de Língua Portuguesa, como Angola e Moçambique, o que gera a percepção de que a literatura da Guiné-Bissau se encontra em fase inicial do processo de organização, bem como apresenta dificuldade de expansão não só para além das fronteiras, mas dentro do próprio país.

Alguns dos fatores apontados como responsáveis pela morosidade na organização e divulgação dessa literatura estão situados em momentos que remetem ao período colonial: a forma de tratamento dada ao processo de assimilação da escrita por parte do sistema colonial, que envolve ainda outras circunstâncias, como o fato da Guiné Portuguesa ser uma colônia de exploração, e a forte resistência oferecida por seus habitantes aos processos de assimilação de costumes e da língua portuguesa. Observa-se no comentário de Ribeiro & Semedo (2011) que há uma interligação entre estes fatores e que estão postos como em um ciclo.

Num país considerado colônia de exploração, onde a não aceitação da presença colonial gerou prolongados conflitos, os portugueses nunca tiveram a preocupação de construir escolas e instruir os nativos. E quando havia a manifestação de interesses por parte destes em frequentar as poucas escolas instaladas no território, eram considerados preguiçosos que queriam fugir de trabalhos braçais em busca de ócio. Essa prática colonial tolheu grandes oportunidades aos gui-

neenses, em termos de criação de uma elite nacional ou ainda grupos e movimentos literários. (RIBEIRO, SEMEDO, 2011, p. 4)

O contexto apresentado justifica o adiamento desse processo de instalação, desenvolvimento e expansão da literatura, dificultando a formação de escritores nativos, assim como a própria recepção das obras literárias dentro do espaço bissau-guineense, devido à falta de aproximação de grande parte da população com a língua portuguesa na modalidade oral, sendo esta restrição ainda maior no que se refere à escrita.

Ao desenvolver uma análise crítica de um dos romances de Abdulai Sila, escritor bissau-guineense, Cardoso (2014, p.87-88) chama a atenção para a complexidade enfrentada pela literatura da Guiné-Bissau no que se refere à recepção de obras significativas, repletas de denúncias de abusos de poder político, escritas em língua portuguesa manifestarem seu poder de resistência quando, no país, essa língua não é dominada por mais de 10% da população, cumprindo apenas a função de língua suporte do crioulo.

Mesmo diante dos contrapontos apresentados pelos dados que apontam para uma relação dificultosa entre a obra e o seu acesso por parte da maioria dos bissau-guineenses, Cardoso (2014) chama a atenção para algo positivo nesse contexto.

(...) o impacto de uma obra escrita nessa língua é, no contexto bissau-guineense, bastante significativo, pois a intelligentsia do país domina tanto o português quanto o crioulo. Desse modo, uma obra literária escrita em língua portuguesa logo é noticiada e “traduzida” no crioulo de Bissau, che-

gando, assim, rapidamente aos ouvidos dos falantes majoritários que, por diversas razões, não se expressam em língua portuguesa, mesmo na variante local oferecida, mas a (ouve) e a vê legitimada no país. (CARDOSO, 2014, p. 88)

A utilização da língua portuguesa também torna possível o acesso à obra por parte de leitores pertencentes a outras culturas, o que possibilita a leitura e a releitura acadêmica de obras geradas nesse contexto. Isso torna viável a promoção dessa literatura que, além de se posicionar como um instrumento de denúncia para o despertar político dos cidadãos locais, presenteiam o leitor de outras localidades dando a conhecer o universo da representação histórica, cultural, social e política desses povos que até pouco tempo tinham esses elementos representados na voz dos povos colonizados, que os colocavam numa esfera de inferioridade, quando não os punham no espaço da “não-existência”.

O ESPAÇO-TEMPO DE ONDE PARTEM AS REPRESENTAÇÕES IDENTITÁRIAS NA LITERATURA DE FILOMENA EMBALÓ

Filomena é apresentada como escritora bissau-guineense, filha de pais cabo-verdianos. Nascida em Angola, mudou-se para Guiné-Bissau em 1975, onde recebeu o reconhecimento de sua nacionalidade. Não esteve em Guiné durante a luta pela libertação, mas acompanhou os primeiros momentos do país pós-independência. É desse contexto pós-colonial que parte as representações presentes no conto analisado.

A expressão pós-colonial será observada dentro de acepções que se assemelham as apresentadas por Santos.

O pós-colonialismo deve ser entendido em duas acepções principais. A primeira é a de um período histórico, aquele que se sucede à independência das colônias, e a segunda é a de um conjunto de práticas e discursos que desconstruem a narrativa colonial escrita pelo colonizador e procuram substituí-la por narrativas escritas do ponto de vista do colonizado. (SANTOS, 2002, p. 30-31)

O pós-colonial, além de sinalizar a tentativa de reorganização dos sistemas políticos e econômicos do país pós-independência, apresenta uma acepção discursiva, um conjunto de propostas de representação que são apresentadas pelos textos literários para a constituição identitária desse novo tempo.

Observa-se que as acepções apresentadas acerca do pós-colonial pressupõem uma interdependência, pois a análise dos sistemas de representação identitárias propostos na literatura analisada e as críticas nela observadas carecem de uma compreensão dos eventos que são inerentes ao contexto histórico, social, econômico e político que são representados no texto.

A fase em que se insere o texto *O candidato* já ultrapassa o momento da euforia da libertação, dos movimentos nacionalistas, situando-se no momento da distopia, quando tudo o que havia sido idealizado para o Novo Estado Livre cai por terra e a dura realidade passa a ser o objeto de representação e denúncia dessa literatura. Esse momento é adjetivado como

amargo por Mata (2000), que o compara ao momento anticolonial. Leia-se em:

(...) tão amarga quanto a consciência anticolonial nas literaturas africanas de língua portuguesa é também a consciência pós-colonial, na visão mais emblemática da perda da inocência, e confrontada com o começo do tempo da distopia: através de ações que representam uma reedição dos objetivos e métodos do antigo período. (MATA, 2000)

Depois de inúmeros embates físicos e culturais, a Guiné Portuguesa, em 1974, conquistou a independência. O país foi a primeira colônia portuguesa a conseguir a liberdade do sistema colonial e passou a chamar-se Guiné-Bissau. Este seria o momento da tão almejada reconstrução de um país que até então sofria as consequências de ter sido colonizado por povos tão indolentes no que se refere à administração das terras guineense e tão vorazes em seu sistema de exploração.

O pensamento acerca da nova administração guineense por um autóctone trazia consigo uma lógica: o novo país seria gerido por pessoas que conheciam o percurso da sua história, o sofrimento do período de colonização, as necessidades de seu povo e - por terem tomado parte nesse contexto - desenvolveriam uma administração que visasse o bem comum, mas o que se verifica é a apropriação, por parte dos autóctones, de estratégias de administração utilizadas pelo sistema colonial.

Essas reedições não residem somente no empenho da negação de elementos referentes à cultura considerada própria do colonizador e a rejeição a esses elementos posta de

forma violenta e fundamentada através de uma pretensa ambivalência racial, mas também ela (a reedição) apresenta-se como estratégias de gestão política similares às rejeitadas nos discursos dos que lutavam pelo fim da opressão colonial.

As literaturas africanas de língua portuguesa acompanharam todas as reedições das velhas facetas políticas coloniais, ocupando lugares de adesão e de oposição ao sistema. Elas ocuparam lugar de destaque no movimento de resistência ao sistema colonial, abrindo caminho para os que ocuparam o poder político no país pós-independência.

A princípio, a literatura buscou encontrar elementos que representassem a identidade de uma nação unívoca e coerente. Depois dessa fase de busca identitária, e assentado o novo poder político nas mãos dos autóctones, constata-se a presença das velhas estratégias, como em um espelho, onde se poderia observar algo semelhante às indesejáveis velhas facetas coloniais nas ações dos que ocupavam o poder. Nesse momento, a literatura passa a ocupar um lugar de denúncia, se posicionando contra essa reedição de estratégias políticas coloniais na nova administração do país.

Hall (2003, p. 98) chama a atenção para o fato de que a ideologia anticolonial, que traçava uma política bem definida de oposições, põe em evidência um argumento incoerente com a atual conjuntura de que tal política possa 'traçar linhas claras na areia' que separem os bons dos maus. Se tal pensamento fosse efetivo, a Guiné-Bissau não continuaria com os mesmos problemas de desigualdade social, corrupção, exploração e miséria da Guiné-Portuguesa.

O momento pós-independência, para os guineenses não foi como o esperado, causando um sentimento de frustração na população que, conseqüentemente, ganharia o terreno das artes, da literatura que, ao longo do tempo, tornou-se um relevante instrumento de divulgação cultural e forte aliada aos movimentos de denúncia contra os abusos de poder.

Foram séculos de dominação e exploração portuguesa, séculos de tentativas violentas de assimilação cultural que deixaram marcas indeléveis, visíveis no espaço guineense, pós-independência. Hall (2003), ao comentar sobre as inscrições herdadas do período colonial, alerta para o fato de que não é possível apagar tais marcas, como pretendiam os anticolonialistas mais radicais. As *reedições*, mencionadas em parágrafos anteriores, confirmam tal declaração de que essas inscrições permanecem bem vivas na cultura do país liberto.

De fato, uma das principais contribuições do termo 'pós-colonial' tem sido dirigir nossa atenção para o fato de que a colonização nunca foi algo externo às sociedades das metrópoles imperiais. Sempre esteve profundamente inscrita nelas – da mesma forma que se tornou indelevelmente inscrita nas culturas dos colonizados (...) (HALL, 2003, p. 102)

O processo de libertação da Guiné Portuguesa foi movido por ideais que alimentavam o desejo de um país democrático, igualitário e próspero. Era como se idealizava o novo Estado livre, fundamentando-se na promessa dos dirigentes do PAIGC³ liderado no período colonial pelo cabo-verdiano

3 Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde

Amílcar Cabral e pelas frentes de resistência que a ele se aliavam. A luta ocupava duas esferas: uma diplomática e uma esfera mais violenta com a ação das guerrilhas. Com o auxílio do discurso de autoridades internacionais que tomavam como fundamento a efetivação dos *direitos do homem*, o PAIGC fortalecia seus fundamentos pela libertação. Sobre esse contexto comenta Amado (2016):

Ora, a luta de libertação nacional vai justamente buscar os seus fundamentos últimos nos direitos fundamentais, porque se baseava no direito à autodeterminação dos povos colonizados na luta pelo reestabelecimento da legalidade internacional e dos direitos do homem; inscrevia-se no movimento geral de libertação dos povos colonizados apoiados pelo direito internacional; visava à conquista dos direitos e liberdades do homem, uma luta para a paz. (AMADO, 2016, p. 120)

Amílcar tentou de todas as formas mobilizar a população guineense para tomar parte no movimento pela libertação. A princípio buscou uma identidade cultural nacional como instrumento de força contra a cultura portuguesa, visando enfraquecer o poder colonial. A estratégia esbarrou no fato de que a Guiné Portuguesa sofria também com os embates entre grupos de diferentes etnias que ocupavam o território. O país era habitado por uma série de grupos e subgrupos de culturas distintas, consequência da divisão territorial da África instituída na Conferência de Berlim, em 26 de fevereiro de 1885.

A proposta de unidade só foi melhor compreendida e aceita pela maioria dos grupos quando os dirigentes da luta

pela independência apresentaram um discurso que divulgava algo que era de interesse comum aos grupos: a libertação do povo da opressão e exploração do sistema colonial. Conforme Hernandez (2008):

Os líderes do PAICG, em particular Amílcar Cabral, chamavam a atenção para o fato de que era a partir dos interesses imediatos dos trabalhadores rurais que eles poderiam ser cooptados pelos movimentos. Em outras palavras, eles seriam mobilizados pela esperança de que a opressão e as injustiças próprias do sistema colonial seriam extintas. (HERNANDEZ, 2008, p. 544)

O PAIGC liderava a luta ao lado dos guineenses e cabo-verdianos pela libertação e moveu uma verdadeira guerra diante da resistência de Portugal em relação à “Declaração sobre a Outorga da Independência aos Países e Povos Coloniais” - Resolução 1514 (XV) da Assembleia Geral da ONU, datada de 14 de dezembro de 1960, que proclamava a ilegalidade do sistema colonial diante da Declaração Universal dos Direitos do Homem. É de conhecimento histórico que Portugal caminhou no sentido oposto a proposta apresentada pela declaração, intensificando sua política colonial nos países africanos. Tal contexto é comentado por Hernandez (2008).

Ao mesmo tempo que o PAICG voltou suas atenções para as relações políticas internacionais e, em outubro de 1961, apresentou um memorando à XVI Assembleia Geral da ONU, solicitando que se fizesse valer a resolução da “outorga da independência aos países e povos coloniais”. Ao mes-

mo tempo, enviou uma Carta Aberta ao Governo Português, propondo negociar politicamente a independência. A resposta foi o recrudescimento da luta, com o Governo Português dando ordens para o ataque à população civil. (HERNANDEZ, 2008, p. 544)

O PAIGC, unido-se às comunidades locais e entidades internacionais, conseguiu por fim ao sistema colonial na Guiné. Com isso, foram fortalecidas as lutas por independência nas demais colônias portuguesas na África. Mas o fato de o partido ser único, traz consigo consequências negativas para o país no momento pós-independência.

A instituição do partido único, como gestor do novo Estado livre, não foi uma problemática enfrentada apenas pelos bissau-guineenses. Oliver (1980), ao discorrer sobre África independente, fazendo menção a alguns países africanos que agenciavam a política nacional pós-independência, comenta que

(...) a institucionalização desta teoria dos partidos únicos, favorecida depois da independência, não levou a maior estabilidade política nem a um desenvolvimento maior ou mais bem-sucedido. Tornando-se herdeiros, como se viu, dos proventos e padrões de vida elevados e, acima de tudo, do poder vasto e virtualmente sem peias dos antigos administradores coloniais, os novos políticos e seus aparelhos políticos tornaram-se muitas vezes um direito adquirido todo-poderoso mais ou menos isolado da opinião popular. (OLIVER, 1980, p. 307)

A autocracia resultante desse processo foi vivenciada pela vizinha Guiné, ex-colônia Francesa, cujos líderes originados das lutas pela independência conseguiram reter o poder, combinando sagazmente a manipulação política e a autocracia. Em Guiné-Bissau não foi diferente. O PAICG instituiu um governo semelhante, fazendo uso das mesmas estratégias de Guiné. O partido governou por quase duas décadas e, quando forçado pelas instituições financeiras internacionais a uma transição para o regime democrático, manipulou a campanha eleitoral a tal ponto de em 1994 conseguir manter-se no poder através de eleições.

É possível, através do contexto exposto, observar que a efetivação da nova administração revela que nem sempre os antagonismos apresentam-se enquanto lutas fundamentadas em ideologias distintas, mas apenas em lutas pela inversão de posições. Através dos questionamentos lançados por Ladislau Dowbor (1983), pode-se refletir sobre esse contexto.

Com a independência, no entanto, os indivíduos que representavam “o povo no poder” ocuparam as casas, os hotéis, as escolas, os clubes, as esplanadas. O que há de comum entre um homem de origem e tradição revolucionárias, mas que está instalado num escritório com carpete e ar condicionado, e o camponês que ontem o ajudava? Ocupando uma estrutura de vida e de trabalho elitista, criada para a elite colonial, a que ponto o novo poder, com outros homens, africanos e revolucionários, deixaram de ser elite? (DOWBOR, 1983, p.10)

Os novos dirigentes do país, novos empresários ou os que participam dos dois grupos ao mesmo instante, agora figuram a nova elite guineense. Estes adotam a política da corrupção, da exploração.

A leitura do conto nos conduz a uma Guiné-Bissau dividida em opostos, não mais entre o ontem (o período em que vivia sob domínio colonial) e o que deveria ser um novo tempo, mas um país que delimita seus opostos entre os segmentos “povo e elite”, ocupando na cidade de Bissau, espaços que continuam bem definidos entre a miséria que configura a população local e o luxo dos que possuem o estilo de vida das classes acomodadas e abastecidas.

O TRAJETO ATÉ O PODER: REPRESENTAÇÃO DAS IDENTIDADES DOS QUE OCUPAM A NOVA ELITE BISSAU-GUINEENSE

Observa-se no conto que não há a preocupação com a divulgação da diversidade cultural e linguística que compreende a Guiné-Bissau. Estranha-se no conto não haver menção a nenhuma mitologia, nem a rituais religiosos-culturais, bem como é possível observar a restrição do uso de expressões linguísticas locais. Há no texto apenas uma palavra em crioulo guineense que é nome do bairro onde reside a personagem protagonista.

Não há um empreendimento por parte da autora em representar essa variedade étnica, cultural e linguística da Guiné-Bissau que tem sido tema de representações nas Literaturas Africanas de Língua Portuguesa como forma de divulgação de identidades locais, com o propósito de dar a conhecer, valorizar e fortalecer as culturas do lugar, bem como

forma de resistência a assimilação proposta em um tempo anterior. Essa escolha sugere que a resistência empreendida nessa literatura não encontre seu contraponto naqueles que estão além de suas fronteiras. O embate não é mais anticolonial, nem o que se pretende dar a conhecer, não sendo mais as diversas riquezas culturais.

No conto *O candidato*, Filomena Embaló prioriza a atmosfera da denúncia acerca de uma realidade angustiante vivenciada pela maioria dos bissau-guineenses. A crítica a essa realidade ultrapassa a preocupação com paisagem cultural e chega à esfera comum. São problemas de ordem social, política e econômica que afetam a maioria da população e que independem de caracterizações étnico culturais.

No texto analisado, a autora localiza os sentimentos de decepção no espaço bissau-guineense, mas é sabido que os demais países que funcionaram como colônia portuguesa em África, enfrentaram problemas semelhantes de administração no período pós-colonial. Por isso, é possível identificar uma série de obras produzidas por diversos autores no contexto pós-colonial que enveredaram por representações aproximadas à exposta no conto de Filomena Embaló.

O candidato narra a história de Djoca, cidadão bissau-guineense, que principia a narrativa seguindo em direção ao Ministério, onde aguardava há dias para receber sua pensão, único recurso disponível para seu sustento e de toda sua família. Assim menciona o narrador: “Eram difíceis os tempos! A vida tornara-se impossível. Já com a mísera reforma paga todos os meses era uma ginástica aguentar o mês inteiro. Agora que

nada caía era impossível aquecer as pedras do fogão todos os dias...” (EMBALÓ, 2005)

A personagem protagonista atendia pela alcunha de Nhu Djoca de Pilum. A locução acrescentada faz menção ao lugar em que Djoca residia. Pilum, bairro localizado em Bissau, havia sido nomeado Cupelon pelos portugueses no período colonial. Pilum (Pilom) é uma expressão crioula e prevalece entre os moradores. O bairro é bastante povoado, sendo dividido em duas partes (Pilum de Cima e Pilum de Baixo) e serve de passagem para bairros circunvizinhos. Referências sobre Pilum são encontradas em depoimentos que tratam da revolução contra o sistema colonial iniciada, com fervor, em 1960.

Como em literatura não há escolhas aleatórias à ideologia proposta pela obra, Pilum é o lugar mais apropriado para residência de Nhu Djoca, pois o bairro foi referência durante a batalha contra o poder colonial na Guiné Portuguesa. Os relatos mostram que Pilum era o espaço onde ocorriam reuniões entre os jovens para arquitetarem estratégias de batalha contra o poder português. Lá concentravam-se vários integrantes e simpatizantes do PAICG.

O relato de Mamadu (2016) mostra a relação entre o bairro Pilum e o contexto da luta contra o sistema colonial. No momento da revolução ele era morador do bairro Pilum e fala sobre o recrutamento de moradores do lugar e as consequências sofridas pela comunidade por ocasião da participação dos conhecidos “Jovens de Pilum” na batalha contra os portugueses. Ele comenta que - quando ainda contava com a idade de 10 anos - testemunhou conversas entre os jovens

de Pilum (de Cima e de Baixo) sobre as mobilizações e estratégias de luta pela libertação do país. Segundo Mamadu (2016), o bairro reunia, dia e noite, militantes, simpatizantes, parentes e filhos dos guerrilheiros. Testemunhou também momentos em que as tropas portuguesas invadiam o bairro à procura dos militantes do PAI⁴ e via pessoas do bairro e familiares sendo apreendidos. O autor do relato menciona que estes nunca retornavam.

É desse lugar carregado de marcas históricas que ecoa a voz de Nhu Djoca, um aposentado que vive em situação de extrema pobreza, pois seus empreendimentos e os dos demais membros da família fracassaram. Ao descrever o desânimo de Djoca e suas dificuldades enquanto percorre o caminho até o Ministério, Filomena Embaló expõe a situação enfrentada pela maioria dos moradores da Guiné-Bissau, que vive em condições precárias e que, outrora, almejavam um levante de empreendimentos comerciais e não tiveram êxito, mostrando a dificuldade em comercializar num lugar em que a maior parte da população não possui poder aquisitivo. Leia-se em:

Como fazer para alimentar a família que contava com, nada mais, nada menos, dezesseis bocas? Os donetes que Sábado, sua velha companheira dos bons e maus momentos, fazia e vendia já não davam os lucros do início. Pois, era normal que assim fosse, os clientes também sobreviviam com dificuldades. O taxi, que a muito custo comprara em enéssima mão, dera o que tinha a dar.

4 O Partido Africano pela Independência, após passar por um processo de reorganização, em outubro de 1960, adotou a sigla PAICG

Nem na sucata conseguira vendê-lo e agora jazia diante da porta de casa, servindo de fornecedor de peças sobressalentes para quem quisesse servir-se dele. (EMBALÓ, 2005)

É possível depreender que o conto traça linhas temporais que vão desde a luta pela independência, passam pelos ideais que fomentavam as batalhas e chegam ao momento contemporâneo à publicação do conto. Esta data de 2004, dez anos após as primeiras eleições democráticas de Guiné-Bissau, e percebe-se que a população não havia encontrado sequer migalhas de realização das promessas declaradas no período de luta pela independência do país, assim como também das promessas apresentadas nos discursos de transição democrática que declaravam o fim do sistema autocrático que ocupou a gestão do país no momento pós-independência.

A situação política representada por Filomena Embaló, no conto analisado, não oferece nenhum indício de ruptura entre os sistemas políticos que governaram o país nas últimas décadas. Para a população não havia grandes mudanças. Esta saiu do sistema colonial, passou pelo sistema autocrático, convive com o sistema democrático e assiste às mesmas cenas de indolência e corrupção na administração do dinheiro público e nas façanhas políticas, como uma sucessão de reedições de sistemas administrativos que foram instalados desde a colonização. Os sistemas se confundem em estratégias e fracassos, como afirma a personagem que dialoga com Djoca sobre a situação política do país: “Fazer política... ou confusão. É a mesma coisa!” (EMBALÓ, 2005)

Os costumes da elite guineense passaram de geração a geração. O poder colonial os cedeu para os autóctones auto-cráticos, que os continuaram a vivenciar no sistema que deveria ser democrático. Os questionamentos realizados no conto propõem uma reflexão acerca desse contexto.

Os tempos estavam difíceis, sim senhor! Mas não para todos! Na praça via gente que prosperava, passeando em novos carros e construindo belíssimas casas nas novas zonas urbanizadas nos arredores de Bissau. Como faziam eles, se eram todos funcionários do mesmo estado que não pagava a ninguém? Talvez fizessem negócios, pensou, mas... que negócios? E onde? Não via na cidade qualquer indício de prosperidade económica compatível com aquele luxo. (EMBALÓ, 2005)

O diálogo entre Djoca e seu companheiro de fila segue e logo eles encontram a resposta para todas essas perguntas. Segundo o interlocutor de Djoca, todos esses privilégios eram concedidos aos políticos. Se quisesse desfrutá-los, deveria subir ao “poleiro”. As personagens empreendem uma reflexão acerca das estratégias realizadas pelos que ocupam o poder e observam que há uma série de segmentos que compõem essa elite bissau-guineense. São eles os políticos que fazem parte do Grande Partido e suas coligações, que têm acesso ao poder através das eleições, e os que não são eleitos por se oporem a cúpula, mas logo arrumam uma forma de negociarem na tentativa de estabelecerem aliança com o poder vigente: “Oh homem! Quando se cria um partido, das duas uma: ou o partido

ganha as eleições e o seu dono chega ao poleiro ou perde-as e o dono faz tamanha confusão que acaba por ser convidado para o poleiro!” (EMBALÓ, 2005).

A política é a única fonte capaz de oferecer regalias, em um país que vive a depender da ajuda internacional e que não conseguiu desenvolver estratégias capitalistas capazes de oferecer poder de compra à população. Na política estava a resposta para as perguntas apresentadas pelas personagens quando indagavam com estranheza sobre o luxo desfrutado por esse grupo tão restrito de cidadãos.

As descrições apresentadas acerca de Djoca no conto dão a entender que este seria um senhor de mais de sessenta anos, posto que recebe pensão, não é viúvo, sua esposa é mencionada no conto, e não são mencionados indícios de invalidez. Assim, depreende-se que a personagem tenha participado direta ou indiretamente do movimento pela independência, considerando que o bairro em que reside tenha sido fortemente marcado pelas adesões às lutas ao lado do PAICG.

Observando a sequência de informações oferecidas no conto, é possível compreender o percurso traçado pela autora para a personagem Nhu Djoca. O trajeto que vai da casa da personagem ao Ministério é o que faz parte do cotidiano real da personagem, sendo o percurso paralelo, o trajeto dos sonhos de Djoca, que vai da pobreza ao poder, realizando uma transformação automática de identidade em que o oprimido torna-se opressor. Através dessa compreensão, encontra-se a chave-mestre que dá acesso à crítica central presente na representação de Filomena Embaló.

No trajeto real, Djoca sai de Pilum, lugar onde residiam

aqueles que abriram caminho para independência, mas que foram deixados para trás após ser alcançado o proposto, dirigindo-se ao Ministério, ao poder. Lá é tratado com indiferença, mentiras e descaso. A partir de então, ele empreende um trajeto ideal em que sairia de Pilum, após ter tomado parte nos ideais revolucionários. Utilizaria sua bagagem de coparticipante na independência do país, elaboraria discursos com promessas que iam ao encontro das necessidades da população e, por fim, ocuparia a esfera do poder.

Naquele mesmo dia iria convocar os próximos para a criação de um partido! PBUP, Partido do Bairro Unido de Pilum, seria o seu nome. (...) Foi fácil criar o PBUP. Todos estavam fartos daquela vida de miséria e com o Djoca na presidência ninguém iria ficar esquecido. O futuro sorria e prometia belos dias aos fervorosos militantes do PBUP. (EMBALÓ, 2005)

O cargo almejado por Djoca era a presidência da república. Segundo ele: “O chefe é o que come primeiro e se sobrar os outros partilham os restos. É, presidente da república seria mais seguro.” (EMBALÓ, 2005). Não é por acaso que o trajeto até o Palácio passe pela Avenida Amílcar Cabral. Esse foi o trajeto percorrido pelo poder local: de Pilum, passando por Amílcar e chegando ao ponto alto do poder.

Não houvera melhor estratégia de que fazer uso dos ideais revolucionários que originaram a independência como discurso para promover a escolha daqueles que ocupariam as posições na nova gestão política do país, posto que seria uma excelente hipótese a de que aqueles que batalharam para li-

bertar o povo das garras dos colonizadores, que invadiram, exploraram e desdenharam da cultura local, seriam os mais aptos a gerir o país com preceitos opostos aos anteriores.

Djoca segue o curso:

A campanha foi lançada num dia de grande festa. Não se sabe de onde saíra, mas havia comida e bebida a fartar! É o prenuncio da fartura que o PBUP vai trazer ao povo desta terra, diziam uns já alegremente animados pelo calor do vinho de caju! Nunca mais iremos para as bichas, retorquiam outros. Viva o PBUP! Viva o Presidente Djoca di Pilum! Viva!!! (EMBALÓ, 2005)

A autora representa a situação vivenciada pela população que se encontrava inebriada pelo ideal de que datas, como a que marca a proclamação da independência e a que encerra o período autocrático gerido por personalidades locais, seriam capazes de demarcar uma mudança abrupta das condições vivenciadas no período colonial, para a vivência em um novo tempo em que os eventos dariam conta de transformar de súbito a situação de humilhação dos habitantes guineenses, de que tal marco temporal aniquilaria com todas as mazelas herdadas do sistema colonial.

Este seria de fato um pensamento não tão sóbrio. Essa guinada não seria possível por uma série de fatores. Primeiro porque de súbito não se rompe com sistema de administração aportado no país durante décadas. Depois, haveria de se ter no poder pessoas dispostas a realizar a transição entre os sistemas. Mesmo compreendendo que esta transição não seria possível em curto prazo, percebe-se através da repre-

sentação que não há esse empreendimento por parte dos que ocuparam e/ou ocupam o poder.

Nhu Djoca de Pilum, ao assumir o poder, logo coloca-se em uma situação de verticalização em relação à população que o elegera. Agora, a única preocupação é como alimentar seus familiares. Não mais havia preocupação com as necessidades dos moradores de Pilum que, assim como a Avenida Amílcar Cabral, abriram caminho para Djoca chegar ao poder.

O resultado das eleições foi esperado com ânsia e nervosismo pelo povo de Pilum. O seu destino estava em jogo naquele escrutínio. Tomara que Djoca ganhasse! E Djoca di Pilum ganhou mesmo! O povo inteiro o aclamou quando apareceu na varanda do palácio. O novo presidente contemplou a avenida que se deitava a seus pés tal um tapete de honra nas grandes ocasiões. Aque-la fora a sua grande ocasião e ele soubera agar-rá-la. Terminadas as infindas esperas à porta do Ministério para receber a pensão! Terminadas as dores de cabeça à procura de como alimentar a família! Terminadas... (EMBALÓ, 2005)

No deslocamento do sonho para a realidade, a personagem retorna à posição daqueles que abriram caminho, mas que não o percorreram até o poder e em seu cotidiano terão que enfrentar filas em busca de assistencialismos e deparar-se, todos os dias, com as desculpas de que não há recursos públicos, discurso que vem da boca daqueles que desfilam seu luxo pela cidade de Bissau. Se Djoca tivesse percorrido o mesmo caminho deles, também estaria da mesma forma, a desfilando em carros importados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À primeira vista, o texto literário apresenta uma montagem quase universal e simplista de representações de contextos políticos, mas ao explorar os elementos que compõem o discurso, as estratégias narrativas de descrição do espaço-tempo em que se insere a personagem e ao aprofundar o conhecimento do contexto histórico, político, social e econômico da Guiné-Bissau, percebe-se que há uma representação estrategicamente atrelada a esse contexto.

No conto estão presentes alguns dos segmentos que compõem a sociedade bissau-guineense. Eles têm suas identidades perpassadas por elementos temporais. Há a presença do homem simples que tem seu cotidiano marcado pela dificuldade financeira que afeta quase toda a população, com exceção daqueles que ocupam o poder político. Este segmento é representado com uma ênfase mais crítica por parte da autora.

As identidades, no texto, são construídas passo a passo, acompanhando uma sequência de eventos que vão desde as lutas por libertação até a tomada de poder. Os gestores do poder local são representados por Filomena Embaló como indolentes e corruptos e a população composta por aqueles que no dia a dia tem que conviver com a miséria e assistir à ostentação da elite.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADO, Leopoldo. *Guiné-Bissau: 30 anos de independência*. Disponível em < www.africanos.eu/ceaup/uploads/AS08_109.pdf > Acesso em 09/01/2016.

BARI, Mamadu Lamarana. *Recreação da juventude 60, a caminho da Revolução: Os primórdios da mobilização*. Disponível em: <<http://www.didinho.org/Arquivo/RECREACAODAJUVENTUDE60.htm>> Acesso em 08/01/2016.

CARDOSO, S. M. Mestiçagem e cultura da diversidade. In: *Poéticas da mestiçagem: textos sobre culturas literárias e crítica cultural*. Curitiba: Editora CRV, 2014. (p. 117-126)

DOWBOR, Ladislau. *Guiné-Bissau: a busca da independência econômica*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

EMBALÓ, Filomena. *O Candidato*. Disponível em: <<http://didiinho.no.sapo.pt/filomenaembalo.html>> Acesso em 10/01/2016

FAGE, J. D. OLIVER, Roland. *Breve história de África*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1980.

HALL, Stuart. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Org. Liv Sovik. Belo Horizonte: Editora UFMG, Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HERNANDEZ, Leila Maria Gonçalves Leite. *A África na sala de aula: visita à história contemporânea*. 2. ed. rev. São Paulo: Selo Negro, 2008.

MATA, Inocência. *O pós-colonial nas literaturas africanas de língua portuguesa*. In: Congresso internacional da ALADAA (Associação latino-americana de estudos de Ásia e África), 2000, Rio de Janeiro. Anais. Disponível em: <biblioteca-virtual.clacso.org.ar/ar/libros/aladaa/mata.rtf>. Acesso em 05/01/2016

RIBEIRO, Margarida Calafate. SEMEDO, Odete Costa. *Oscilando entre o canto e os escritos*. In: RIBEIRO, Margarida Calafate. SEMEDO, Odete Costa (Org). *Literaturas da Guiné-Bissau: Cantando os escritos da história*. Porto: Editora Afrontamento, 2011.

SANTOS, Boaventura Sousa. *Entre Próspero e Caliban: Colonialismo, pós-colonialismo e inter-identidade*, In: RAMALHO, Irene e RIBEIRO, António Sousa (org.s). *Entre Ser e Estar – Raízes, Percursos e Discursos da Identidade*. Porto: Afrontamento, 2001.

Submissão: 2017-02-05

Aceite: 2017-03-13